



GIUSEPPE  
**GARIBALDI**

Memórias Autobiográficas

Tradução e Introdução: David Martelo

EDIÇÕES SÍLABO

## LÍDERES E POVOS

1. *As Vidas dos Doze Césares*  
*Vol. 1 – Júlio César, Octávio César Augusto*  
Suetónio
2. *As Vidas dos Doze Césares*  
*Vol. 2 – Tibério, Calígula, Cláudio*  
Suetónio
3. *As Vidas dos Doze Césares*  
*Vol. 3 – Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano*  
Suetónio
4. *A Dinastia de Avis e a Construção da União Ibérica*  
David Martelo
5. *Geronimo e os Apaches – Autobiografia do Último Chefe Índio*  
Geronimo
6. *O Povo do Nilo – O Egipto dos faraós*  
Luzia Seromenho
7. *50 Grandes Discursos da História*  
Manuel Robalo, Miguel Mata (selecção e apresentação)
8. *A Guerra dos Judeus – História da Guerra entre Judeus e Romanos*  
Flávio Josefo
9. *História da Galiza*  
Manuel Recuero Astray, Baudilio Barreiro Mallón
10. *Benjamin Franklin – Autobiografia*  
Benjamin Franklin
11. *Giuseppe Garibaldi – Memórias Autobiográficas*  
Giuseppe Garibaldi

GIUSEPPE  
GARIBALDI  
MEMÓRIAS  
AUTOBIOGRÁFICAS

### *Sobre a presente tradução*

G. Garibaldi escreveu, reescreveu, complementou, atualizou e reviu as suas memórias num período de tempo de 23 anos, de 1849 até 1872.

Quando completou a primeira versão dos manuscritos, entregou-os a amigos e apoiantes estrangeiros para editar e preparar a sua publicação. Este primeiro texto original foi publicado, não em italiano, mas numa tradução inglesa em Nova Iorque em 1859: *The Life of General Garibaldi*, traduzido por Theodore Dwight (A. S. Barnes and Burr) e depois em Londres no mesmo ano.

Com o decorrer dos eventos, nos anos seguintes, Garibaldi foi escrevendo mais relatos, alterando versões, e novas traduções e versões modificadas das suas memórias surgiram na Europa, testemunhando a reputação que Garibaldi ia conquistando internacionalmente.

Depois da sua última campanha militar ao lado do Governo Republicano Francês na Guerra Franco-Prussiana de 1870-71, Garibaldi retirou-se para a sua casa na ilha de Caprera onde, na quieta solidão da ilha, entre 7 de dezembro de 1871 e 4 de julho de 1872, redigiu, reviu e atualizou pela última vez todo o texto (a que em 1875 acrescentou um curto Apêndice). É esta versão final das suas memórias, publicadas em Itália em 1888, que apresentamos em língua portuguesa nesta edição (G. Garibaldi, *Memorie Autobiografiche*, G. Barbèra, Editore, Florença, 1888).

Giuseppe  
**GARIBALDI**  
**MEMÓRIAS**  
**AUTOBIOGRÁFICAS**

Tradução e introdução  
David Martelo

Prefácio  
António Ventura

Anexos  
Jorge C. Pereira

*EDIÇÕES SÍLABO*

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede  
[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

*Sobre o tradutor*

**David Martelo** é oficial do Exército (coronel) reformado. Nascido em 1946, em Viseu, ingressou na carreira militar em 1963, mantendo-se no ativo até 1995. Encetou, então, a sua atividade como escritor, privilegiando o debate dos temas de defesa contemporâneos e a história militar. É autor dos seguintes livros: *O Exército Português na Fronteira do Futuro, As Mágoas do Império, A Espada de Dois Gumes, 1974 – Cessar-Fogo em África, O Cerco do Porto, A Dinastia de Avis e a construção da União Ibérica, Origens da Grande Guerra, A Imprevidência Estratégica de Salazar: Timor 1941 – Angola 1961 e Os Caçadores*. Colaborou na obra Portugal e a Grande Guerra. Traduziu e prefaciou as três principais obras de Maquiavel (*O Príncipe, Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio e A Arte da Guerra*) e a *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides. É membro efetivo do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar. De 2007 a 2012, foi membro do Comité Bibliográfico da Comissão Internacional de História Militar.

*Sobre o autor dos anexos*

**Jorge C. Pereira** é Professor Auxiliar Convitado no Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos na Universidade do Minho. Doutor em Cultura Norte-Americana. Autor do livro *América – As Ideias que Construíram um País*.

## FICHA TÉCNICA

Título: Giuseppe Garibaldi – Memórias Autobiográficas

Autor: Giuseppe Garibaldi

Tradução e notas: David Martelo

© da presente tradução: Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição – Lisboa, janeiro de 2019.

Impressão e acabamentos: Europress, Lda.

Depósito Legal: 450620/19

ISBN: 978-972-618-991-6

 **EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**  
Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

e-mail: [silabo@silabo.pt](mailto:silabo@silabo.pt)

[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

# Índice

<b>Prefácio à presente edição – Herói dos dois hemisférios</b>	13
António Ventura	

<b>Introdução à presente edição</b>	21
David Martelo	

## *Memórias Autobiográficas*

---

<b>Prefácio às Minhas Memórias</b>	29
------------------------------------	----

### **PRIMEIRO PERÍODO**

Capítulo I – Os meus pais.....	37
Capítulo II – Os meus primeiros anos.....	38
Capítulo III – As minhas primeiras viagens.....	41
Capítulo IV – Outras viagens.....	43
Capítulo V – Rossetti.....	47
Capítulo VI – Corsário.....	48
Capítulo VII.....	53
Capítulo VIII.....	55
Capítulo IX.....	57
Capítulo X – Luigi Carniglia.....	61
Capítulo XI – Prisioneiro.....	62
Capítulo XII – Em liberdade.....	65

Capítulo XIII – Novamente corsário .....	68
Capítulo XIV – Catorze contra cento e cinquenta.....	72
Capítulo XV – Expedição de Santa Catarina .....	77
Capítulo XVI – Naufrágio.....	79
Capítulo XVII – Assalto e conquista de Laguna de Santa Catarina..	84
Capítulo XVIII – Enamorado .....	86
Capítulo XIX – De novo corsário .....	88
Capítulo XX – Retirada .....	92
Capítulo XXI – Combate e incêndio.....	94
Capítulo XXII – Vida militar por terra; vitória e derrota.....	97
Capítulo XXIII – Regresso a Lages .....	103
Capítulo XXIV – Permanência em Lages – Descida da Serra e combate .....	105
Capítulo XXV – Combate de infantaria .....	108
Capítulo XXVI – Expedição do Norte.....	116
Capítulo XXVII – Inverno e preparação de canoas .....	119
Capítulo XXVIII – Retirada desastrosa pela Serra.....	122
Capítulo XXIX – Montevidéu .....	128
Capítulo XXX – Comando da esquadra de Montevidéu – Combates nos rios .....	131
Capítulo XXXI – Combate de dois dias com Brown .....	136
Capítulo XXXII – Retirada sobre Corrientes. Batalha de Arroyo Grande .....	145
Capítulo XXXIII – Preparativos de resistência .....	150
Capítulo XXXIV – Início do cerco de Montevidéu .....	153
Capítulo XXXV – Primeiros feitos da <i>Legião Italiana</i> .....	155
Capítulo XXXVI – A flotilha e as suas ações.....	158
Capítulo XXXVII – Brilhantes combates da <i>Legião Italiana</i> .....	162
Capítulo XXXVIII – A expedição a Salto.....	166
Capítulo XXXIX – O <i>matrero</i> .....	169
Capítulo XL – Jaguary.....	173



Capítulo XLI – Expedição a Gualeguaychú. Hervidero – Anzani ..	175
Capítulo XLII – Chegada a Salto – Vitória do Tapeby .....	181
Capítulo XLIII – Chegada de Urquiza .....	186
Capítulo XLIV – Cercados em Salto por Lamos e Vergara .....	189
Capítulo XLV – Sant’ Antonio .....	192
Capítulo XLVI – Revolução em Montevideu e Corrientes – Combate do Daymán .....	200
Capítulo XLVII – Alguns mortos e feridos da Legião .....	209
Capítulo XLVIII – Regresso a Montevideu .....	212

## **SEGUNDO PERÍODO**

Capítulo I – Viagem para Itália .....	219
Capítulo II – Em Milão .....	224
Capítulo III – Em Como, Sesto Calende e Castelletto .....	229
Capítulo IV – Regresso à Lombardia .....	231
Capítulo V – Inação e tédio .....	240
Capítulo VI – No estado romano e chegada a Roma .....	249
Capítulo VII – Proclamação da República e marcha para Roma ...	256
Capítulo VIII – Defesa de Roma .....	260
Capítulo IX – Retirada .....	276
Capítulo X – Exílio .....	298
Capítulo XI – Regresso à vida política .....	312
Capítulo XII – Na Itália Central .....	353

## **TERCEIRO PERÍODO**

Capítulo I – Campanha da Sicília – maio de 1860 .....	369
Capítulo II – O cinco de maio de 1860 .....	376
Capítulo III – De Quarto a Marsala .....	377
Capítulo IV – Calatafimi, 15 de maio de 1860 .....	383

Capítulo V – De Calatafimi a Palermo .....	389
Capítulo VI – Rosalino Pilo e Corrao.....	391
Capítulo VII – Continuação do movimento de Calatafimi para Palermo .....	392
Capítulo VIII – Assalto a Palermo, 27 de maio de 1860 .....	396
Capítulo IX – Milazzo .....	404
Capítulo X – Combate de Milazzo .....	407
Capítulo XI – No Estreito de Messina .....	412
Capítulo XII – No continente napolitano.....	414
Capítulo XIII – O ataque a Régio .....	415
Capítulo XIV – Entrada em Nápoles – 7 de setembro de 1860.....	419
Capítulo XV – Prelúdios da batalha do Volturno – 1 de outubro de 1860 .....	423
Capítulo XVI – A batalha do Volturno .....	426
Capítulo XVII – Bronzetti em Castel Morone, 1º de outubro de 1860.....	433
Capítulo XVIII – Combate de Caserta Vecchia – 2 de outubro de 1860 .....	434

## **QUARTO PERÍODO (De 1860 a 1870)**

Capítulo I – Campanha de Aspromonte, 1862.....	441
Capítulo II – Campanha do Tirol.....	448
Capítulo III – Batalhas e combates.....	453
Capítulo IV – Combate de Bezzocca – 21 de julho .....	463
Capítulo V – Agro Romano.....	469
Capítulo VI – Sardenha – Travessia do mar – Continente.....	473
Capítulo VII – Ataque a Monterotondo.....	479
Capítulo VIII – Mentana, 3 de novembro de 1867.....	484

## **QUINTO PERÍODO**

Capítulo I – Campanha de França .....	497
Capítulo II – Combates de Lantenay e Autun .....	506
Capítulo III – 21, 22 e 23 de janeiro de 1871.....	517
1871 – Retirada – Bordéus – Caprera .....	527
<b>Apêndice às Minhas Memórias</b> .....	<b>531</b>

## **Anexos**

Jorge C. Pereira

Anexo 1 – Giuseppe Garibaldi em 1861 .....	537
Anexo 2 – Cronologia paralela da vida de Giuseppe Garibaldi e acontecimentos na Península Itálica.....	538
Anexo 3 – Notas biográficas dos principais atores da unificação italiana.....	542
Anexo 4 – Mapa da unificação italiana .....	546



## Herói dos dois hemisférios

La Fayette foi classificado como «herói dos dois mundos» pelo facto de ter lutado pela independência dos Estados Unidos da América e também, em França, se ter batido pela Liberdade, durante a Revolução Francesa, assumindo uma posição moderada mas de clara rutura com a monarquia absoluta.

Do mesmo modo, Garibaldi – a quem também chamaram «herói dos dois mundos» – pode ser apodado de «herói dos dois hemisférios». Nascido em 4 de julho de 1807, em Nice, integrado no reino de Itália por Napoleão, no seio de uma família de pescadores, Giuseppe foi marinheiro, o que lhe permitiu viajar por todo o Mediterrâneo, e serviu depois na Marinha piemontesa. Juntou-se ao movimento a favor de uma Itália unida, sofrendo uma forte influência de Giuseppe Mazzini, com quem colaborou em diversas ocasiões. Floresciam então as sociedades secretas, como a Giovane Italia, à qual aderiu. Começaram a germinar em si as ideias avançadas, políticas e sociais, mescladas de um patriotismo popular. Em 1834, participou numa conspiração em Génova, ao lado de Mazzini, que se saldou num malogro. Escapando à condenação à morte, foi obrigado a exilar-se em Marselha, depois na Tunísia, viajando para a América do Sul. No ano seguinte estava no Rio de Janeiro e, em 1836, no Rio Grande do Sul, onde luta ao lado dos «farroupilhas» na Revolta dos Farrapos. Em 1 de setembro de 1838, Garibaldi recebia o comando da marinha «farroupilha». Capturado e torturado pela polícia marítima uruguaia, conseguiu fugir para o Rio Grande do Sul. Três anos depois, foi para Santa Catarina auxiliar os «farroupilhas» na tomada de Laguna. Conheceu então Ana Maria Ribeiro da Silva, Anita Garibaldi, que se tornou sua companheira e participou a seu lado nas campanhas no Brasil,

no Uruguai e depois na Europa. Dirigiu a defesa de Montevideu (1841) contra as incursões de Oribe, ex-presidente da República. Garibaldi formou em 1843 a Legião Italiana, com outros exilados italianos, a fim de lutar a favor da secessão do Rio Grande do Sul e contra os uruguaios que se opunham ao ditador argentino Juan Manuel de Rosas.

Entretanto, a situação evoluía numa Itália dividida e sob forte influência austríaca. A eleição do novo Papa Pio IX, em 1846, suscitou algumas esperanças e houve quem visse nele a liderança necessária para a unificação da Itália. Mazzini apoiou as primeiras reformas papais e Garibaldi chegou a oferecer ao núncio apostólico do Rio de Janeiro, o concurso da Legião Italiana. Mas o eclodir da revolução em Palermo, em janeiro de 1848, e a agitação revolucionária noutros outros pontos da Itália, levaram Garibaldi a regressar à pátria. No final do ano, Pio IX, receoso do avanço das forças liberais, abandonou Roma, onde Garibaldi entrou com um grupo de voluntários, assumindo o comando das forças da efémera República Romana fundada por Mazzini. Em fevereiro do ano seguinte, foi eleito deputado republicano à assembleia constituinte. Em abril e maio teve que enfrentar as forças francesas, que procuravam restabelecer a autoridade papal, e as napolitanas. Apesar de épica, a resistência foi inútil e Roma caiu a 1 de julho. A 4 de agosto, Anita morria, em Ravena. Garibaldi e os seus companheiros refugiaram-se em San Marino. De novo se expatriou, em Tânger, em Staten Island (Nova Iorque), onde trabalhou como fabricante de velas e no Perú, voltando ao seu antigo ofício de marinheiro mercante. Em 1854, Cavour autorizou-o a regressar a Itália, confiando que ele se afastaria de Mazzini e dos setores republicanos mais radicais.

Em 1859, começava a segunda guerra pela unificação de Itália entre o Piemonte, auxiliado pela França, e a Áustria. Garibaldi participou na campanha, saindo vitorioso em maio de 1859, em Varese e Como; entrou depois em Bréscia, culminando a campanha com a anexação da Lombardia pelo Piemonte. Decidiu então ajudar os sicilianos, que se tinham revoltado contra Francisco II de Nápoles. Em 1860, organizou uma expedição que partiu de

Génova em dois vapores, desembarcando em Marsala, a 11 de maio, à frente dos seus 10000 camisas vermelhas – na realidade cerca de milhar e meio homens. A campanha foi um sucesso, tomando a Sicília em nome de Victor Emanuel II. Milhares de voluntários uniram-se ao exército de Garibaldi, que passou ao continente e prosseguiu a campanha, agora no reino de Nápoles, em cuja capital entrou, em agosto, no meio do entusiasmo e das aclamações populares. Conquistou ainda a Umbria e as Marcas, mas renunciou aos territórios conquistados, em favor de Vítor Emanuel II. Em 1861, o sonho tornava-se realidade com a proclamação do novo reino de Itália.

Garibaldi liderou uma nova expedição contra as forças austríacas (1862) e depois contra os Estados Pontifícios, sob o lema «Roma ou Morte», convencido que Roma deveria ser a capital do estado italiano. Foi longe demais, e teve que ser travado pelo próprio Vítor Emanuel II. Na batalha de Aspromonte, foi ferido e aprisionado, mas logo libertado e amnistiado. Passou a presidir ao Comité Central Unitário Italiano e ofereceu os seus serviços à França. Na sua última campanha, lutou ao lado dos franceses (1870-1871) na guerra franco-prussiana, participou da batalha de Nuits-Saint-Georges e da libertação de Dijon. Foi eleito membro da Assembleia Nacional da França em Bordéus, mas voltou à pátria, onde foi eleito em 1874 deputado no Parlamento italiano, recebendo uma pensão vitalícia que lhe foi atribuída pelos serviços prestados à nação.

Morre em Caprera em 2 de junho de 1882.

Era natural que Garibaldi tivesse produzido, ao longo de uma vida tão preenchida, diversos escritos de variada natureza, militares, políticos, religiosos e até poesia, que sempre cultivou, com destaque para o *Poema autobiográfico* e *Carme alla morte*, só publicados por G. E. Curatolo em 1911.

Uma primeira compilação dos seus escritos surgiu em 1907, por iniciativa de Tertuliano Mainardi e Domenico Ciampoli, mas revelava-se manifestamente incompleta. Mais ambicioso foi o trabalho da comissão para a edição nacional das obras de Garibaldi, que publicou, entre 1934 e 1937, três grossos volumes

de *Scritti e discorsi politici e militari*. Em contrapartida, o seu vasto epistolário só foi parcialmente publicado por Ciampoli e Ximemes. Um momento marcante na vida de Garibaldi foi a publicação das suas *Memorie autobiografiche* que conheceram sucessivas edições modificadas entre 1849 e 1872, e que deram origem a edições parciais e adaptações por iniciativa de Dwighth, von Schwartz e Francesco Carreno. Merecem destaque especial as *Memorie di Giuseppe Garibaldi*, de Alexandre Dumas, que acompanhou o aventureiro italiano na sua expedição à Sicília. Dumas tinha a vantagem de ser francês e de escrever nessa língua, com uma divulgação muito mais ampla que o italiano. Era chefe de redação do diário bilingue *L'Indipendente*, fundado em Nápoles, colaborava assiduamente no quinzenário parisiense *Le Monte-Cristo*, e no mensário *Le Mois*. Foi através da imprensa periódica que Alexandre Dumas promoveu Garibaldi, relatando numerosos pormenores, nomeadamente a forma como se conheceram em Turim, em janeiro de 1860. O escritor francês irá projetar uma imagem romântica do aventureiro italiano, que se notabilizou em terras sul-americanas, e que regressou à pátria para lutar pela sua unificação. As *Memoires de Garibaldi* (1860) incidem, sobretudo, nos treze anos americanos, tendo Dumas reescrito o texto, recorrendo também a entrevistas com pessoas que conviveram com Garibaldi, tudo mesclado com uma certa dose de imaginação. Esta versão foi publicada em Portugal em 1860 (Lisboa, APC, 2 volumes), com a indicação de ser a tradução de um original Dumas. O tradutor português não é indicado. No mesmo ano surgiu *Memórias Autênticas sobre Garibaldi*, de Camille Leynadier, (Lisboa, Livraria de João Paulo Martins Lavado, tradução de A. M. P. Carrilho, 2 volumes).

Garibaldi era conhecido em Portugal, admirado pelos setores liberais e abominado pelos católicos e conservadores. Desde muito cedo surgiram testemunhos desse conhecimento. Em 1850-1855 – a data não é precisa –, a Litografia do Poço Novo, em Lisboa, publicava dois retratos, um de Garibaldi e outro de Anita, ambos da autoria de J. Mera. Esta mesma Litografia publicou, na mesma época, outro retrato de Garibaldi, de maiores



dimensões, a partir de uma fotografia de Luigi Nazi, feita em Londres. No início dos anos setenta do século XIX, a Sasseti, de Lisboa, publicou um «Hino a Garibaldi», para piano e flauta. Em 1875, surgia em Lisboa o livro de Garibaldi *Os Mil*, (Tipografia do Jornal do Comércio, tradução de Joaquim Xavier Pereira). Com o título original de *Il Mille*, foi o último de três romances que o revolucionário italiano publicara, juntamente com *Clélia* (1870) e *Cantoni il Volontario* (1873).

A morte de Garibaldi também não passou despercebida em Portugal. Na sessão de 5 de junho de 1882 da Câmara dos Deputados, o deputado republicano José Elias Garcia interveio a propósito do acontecimento: «Julgo que todos os homens, sinceramente liberais; que todos os homens, admiradores de um dos espíritos mais gentis do nosso seculo, não podem deixar de experimentar um grande pesar e uma vivíssima dor pela morte daquele que contribuiu, por todos os modos, para a formação da unidade da Itália, e para o restabelecimento da liberdade naquela formosa terra. A unidade da Itália foi um trabalho em que cooperaram todos os espíritos: os poetas, os sábios, os artistas, o povo, os reis, os príncipes; mas eu posso, talvez, dizer que de todos foi Garibaldi, no nosso tempo, o primeiro, sacrificando tudo para realizar o seu grande enlevo, o resgate da pátria e a unidade italiana. Este homem, pelos seus serviços prestados à liberdade, não é apenas um homem que, ao descer ao sepulcro, deixe mergulhados no pesar e no luto aos seus concidadãos. Não são só os italianos que devem sentir a morte deste homem, pelos seus serviços prestados à Itália; os serviços que prestou na América e os que prestou a França naquelas horas angustiosas, em que este país esteve quase a ser completamente dilacerado pelo estrangeiro, esses serviços são de tal ordem, e de tal magnitude, que não podem ser esquecidos por nenhuma nação que se governe por instituições livres. Julgo, portanto, que posso interpretar os sentimentos de todos, sem ferir nenhuma susceptibilidade, pedindo que a Câmara dos Deputados da Nação Portuguesa lance nas suas atas um voto de profundo sentimento e pesar pela morte deste homem, associando-se assim ao luto e a dor de que

hoje está possuída a nação italiana, e que o faça sentir ao governo dessa nação e à família do finado.

Repito, não é intenção minha ferir suscetibilidades de espécie alguma, respeito todas as opiniões, todas as crenças, todos os pensares; mas quando um homem, como este, desaparece do mundo depois de atravessar uma longa vida de setenta e cinco anos, tendo dado, durante essa vida tantas provas de abnegação e de sincera convicção na defesa dos princípios liberais, e principalmente na defesa do sentimento mais alevantado do seu país – a unidade da pátria, não posso deixar de rogar aos representantes da nação portuguesa que se associem ao meu pedido, para que na ata da sessão se lance um voto de profundo sentimento pela morte deste homem, e que se comunique esta resolução aos nossos irmãos de Itália».

Elias Garcia apresentou depois a seguinte moção: «Proponho que se lance na ata um voto de sentimento pela morte de Garibaldi, e que se comunique esta resolução ao governo italiano e à família do finado». Luciano Cordeiro interveio, propondo um adiamento, sublinhando que a Câmara ainda não tinha confirmação oficial da morte de Garibaldi, confessando-se até «um dos mais entusiásticos admiradores daquela figura valorosíssima». Mais contundente foi Santos Viegas, que contestou «as ruidosas apologias deste homem feitas num parlamento português, conhecendo-se os seus intuitos bem claramente expressos no congresso de Genebra em 1868, advogando a união ibérica, não as classificarei eu, Sr. Presidente. Entrego-as ao juiz, ao critério dos homens que sacrificam no altar da pátria que lhes deu o ser, e onde, a sombra do seu esplêndido céu, desejam exclamar com os portugueses noutras eras (...) No entender do Sr. Luciano Cordeiro e do Sr. José Elias Garcia, Garibaldi é um herói, que bem merece dos países livres, é um herói cuja morte deve ser sentida neste Portugal, que tem por principal glória uma cruz, que ele pretendeu destruir. Porque há de este parlamento lançar nas atas das suas sessões um voto de sentimento pela morte deste homem? Que ligações tínhamos com ele? Que serviços nos prestou e que títulos para o nosso reconhecimento?». Elias Garcia

informou que chegara um telegrama que confirmava a morte de Garibaldi e que os parlamentos, francês e italiano, já tinham aprovado votos de pesar. Na sessão de 6 de junho, Augusto Fuschini apresentou uma nova proposta: «A Câmara dos Deputados da nação portuguesa determina que na ata das suas sessões se lance um voto de sentimento pela morte de Garibaldi, um dos homens dessa tríade heroica, constituída por Victor Manuel, por Cavour e por ele, que valentemente propugnou pela unidade, pela liberdade e pela autonomia da pátria, secundando assim as aspirações seculares de um grande e nobre povo, irmão do povo português pelo sangue da raça. A câmara deseja que este voto seja comunicado ao augusto chefe da monarquia de Itália, como representante do povo que perdeu em Garibaldi um grande concidadão; e à família do valente caudilho, que nele perdeu um chefe ilustre». A referência ao «augusto chefe da monarquia italiana» visava, certamente, angariar apoios...

Foi decidido que as propostas de Elias Garcia e de Augusto Fuschini seriam apresentadas cumulativamente, mas acabaram por não ser admitidas a discussão por 48 votos contra 8...

A revista *Galeria Republicana*, dirigida por Magalhães Lima, no seu n.º 15, de agosto de 1882, inseria um retrato do revolucionário italiano e lamentava, pela pena de G. Benevides: «a câmara dos deputados portuguesa recusou-se a lançar nas suas atas um voto de sentimento pela morte de Garibaldi, rejeitando a proposta que lhe dirigiu neste sentido o Sr. José Elias Garcia, deputado republicano!».

Mas Garibaldi continuou a ser uma referência nos setores liberais e avançados portugueses. Em 1915 surgia uma nova edição da obra de Dumas (Lisboa, Guimarães & Cia, 2 volumes), na coleção das obras de Alexandre Dumas.

Com o andar do tempo, o revolucionário italiano foi caindo no esquecimento, substituído no imaginário republicano por outras referências mais radicais, nomeadamente por Mazzini. Mas a sua vida e ação situam-no em pleno Romantismo, como um herói romântico, um idealista que não se poupou a sacrifícios em nome dos ideais que acalentava.

Por isso se justifica plenamente a presente edição das suas memórias autobiográficas.

*António Ventura*

Professor catedrático da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa.

## Introdução

Que prazer, para um discípulo de Beccaria, inimigo da guerra! Mas o que é que querem: encontrei sobre o trilho da minha vida, os austríacos, os padres e o despotismo!

E que me importava não possuir outras vestes senão as que me cobriam o corpo e de estar ao serviço de uma pobre República, que a ninguém podia dar um soldo?

É notório que, entre os corpos voluntários que tive a honra de comandar em Itália, os camponeses sempre falharam, graças aos reverendos ministros da mentira. Os meus milicianos pertenciam, quase todos, a famílias distintas das diversas províncias italianas.

Deus permita que feche os olhos pronunciando, como último suspiro: «Está toda livre!»

As *Memórias Autobiográficas*, de Giuseppe Garibaldi, foram escritas com a perceptível preocupação de servirem de uma espécie de manual do amor à pátria e como testemunho de que a ideia de uma Itália unificada, herdeira da Roma Antiga, era algo que podia ressurgir pela via heroica da luta armada. Desde o início da narrativa – sobretudo a partir dos feitos da *Legião Italiana*, no Uruguai –, que Garibaldi não se cansa de sublinhar a bravura daqueles descendentes dos legionários romanos, procurando que os seus conterrâneos acreditem no seu valor militar e na capacidade de alcançar os seus objetivos políticos através da guerra contra o estrangeiro que os oprimia. A obra tem, a este respeito, o propósito evidente de reconstituir os exemplos de

bravura, cuja leitura possa servir para a valorização e educação patriótica da juventude italiana daquele tempo e dos vindouros.

O texto é, por conseguinte, uma narrativa dirigida aos italianos, o que se nota, aliás, pelo facto de omitir muitos pormenores do cenário político, uma vez que, tratando-se de acontecimentos muito recentes, o autor assume que os mesmos devem ser do conhecimento geral. Todavia, sendo uma obra dirigida aos seus compatriotas, o certo é que a mesma nem no passado nem no presente foi e é bem aceite no panorama histórico e literário italiano. As razões deste estranho fenómeno são facilmente explicáveis. A história do *resorgimento* italiano tem 4 grandes figuras: Vítor Emanuel II, rei do Piemonte, Cavour, primeiro-ministro da monarquia saboiana, Mazzini, o idealista republicano, e Garibaldi. Os dois primeiros representam a instituição monárquica oficialmente vencedora do processo de unificação. Mazzini, o ideólogo do republicanismo, admirado como pensador, mas que, mantendo-se obstinadamente fora da solução monárquica, acabou por não desempenhar o papel decisivo a que aspirava. Por fim, Garibaldi, o mais atípico herói da unificação, o mais vitorioso dos chefes militares italianos, o menos apoiado por tudo o que era instituição, e, acima de tudo, um inimigo feroz do poder do clero, que critica abundante e frequentemente na sua narrativa. Garibaldi não censura a Igreja pelo conteúdo evangélico (pelo contrário, define a Roma do tempo em que escreve como *capital de uma seita, outrora seguidora do Justo libertador dos servos, instituidor da igualdade humana por ele enobrecida* – III-1.º), mas sim pela instrumentalização política do povo, sobretudo dos camponeses italianos, que, devido a essa influência, se apartaram quase completamente da luta pela liberdade. A censura tem muito mais a ver – tal como o fizera Maquiavel – com a oposição do clero à ideia da unificação da Itália, por tal processo implicar o fim do Estado Pontifício, que, recorde-se, se estendia, entre o Tirreno e o Adriático, pelas atuais regiões do Lázio, Umbria, Marcas e grande parte da Emília-Romanha, separando o Norte do Sul. Não admira, portanto, que

a presente obra tenha sido desaconselhada em Itália, pois perturba, e muito, a história oficial da unificação.

Depois, a Itália da *bella figura*, do apurado sentido estético, do culto da elegante fachada, não digeriu nem digere um Garibaldi de poncho sul-americano, nem tão-pouco os seus voluntários, mal vestidos, esfarrapados e sempre mal armados e equipados, que se atreveram a ser tão competentes em matéria militar sem, para tal, terem o conveniente diploma. Além disso, com aquela bizzarria da «camisa vermelha», pouco importando que esse vermelho não tenha tido, na sua origem, qualquer relação com o vermelho de conotação socialista.

Dito isto, o leitor não poderá estranhar que, nesta autobiografia, o autor fale tão pouco de si próprio, isto é, da sua vida pessoal, dos seus amores, dos filhos, dos contactos políticos e sociais que os seus estrondosos êxitos militares lhe proporcionaram, em Itália e no estrangeiro, etc. No entanto, nos breves momentos em que o faz, Garibaldi não esconde sentimentos nem se coíbe de fazer transparecer uma grande emoção e uma qualidade humana superior, pondo em relevo o amor à família, a devoção pelos companheiros de armas e a gratidão para com aqueles que o ajudaram nas mais críticas situações.

Quando comparada com uma biografia respeitadora das regras científicas da história, notam-se nesta memórias algumas importantes omissões. Algumas delas decorrem da própria natureza de uma autobiografia escrita por quem não tem preocupações de rigor académico, mas outras há que devem ser vistas, necessariamente, como tendo sido propositadas, pelo que a leitura desta obra deve ser complementada com a de uma boa biografia.

O estilo literário, muitas vezes inflamado e romântico, como era vulgar na época em que foi escrito, apresenta muitas frases terminadas com pontos de exclamação, denotando umas vezes entusiasmo, outras vezes revolta, mas sempre num tom de grande sinceridade, por vezes a roçar a mais genuína simplicidade, quando não uma intencional poesia.

A obra foi sendo, sucessivamente, revista e complementada, entre 1849 e 1872. A maior parte das linhas acrescentadas são de textos cheios de emoção e desencanto, com não poucas acusações contra os senhores da Itália já unida.

Nas partes dedicadas à luta pela unificação italiana, o texto de Garibaldi é um misto de narrativa das lutas de índole militar e um libelo acusatório contra os políticos do seu país, que, da unificação, só pretendiam tirar benefícios pessoais, sem pensar em alterar o que quer que fosse no relacionamento com o povo e no seu progresso e bem-estar. A frase do príncipe de Falconeri, personagem do imortal *Leopardo*, de Tomasi di Lampedusa, pronunciada justamente no contexto da chegada de Garibaldi à Sicília, assenta que nem uma luva nas críticas de Garibaldi: «Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude»!<sup>1</sup>

Para além da contundente censura à postura do clero italiano, há outro aspeto do posicionamento ideológico de Garibaldi que é comparável ao de Maquiavel. Sendo ambos convictamente republicanos, aceitam um *Príncipe*, isto é, a monarquia, como instrumento capaz de produzir a unidade de Itália. De resto, esta comunhão de pensamento foi manifesta, à época do *Risorgimento*, justamente pelo novo impulso que então se verificou na leitura das obras do grande pensador florentino.

No plano estritamente militar, a sequência de campanhas em que Garibaldi se envolveu colocam-no, tanto nos resultados como na extensão temporal, ao nível dos grandes chefes militares de todos os tempos, sendo, no mais reduzido plano do idealismo e da pura aventura dos tempos modernos, absolutamente incomparável. A marca de Garibaldi como chefe militar é, quase permanentemente, a determinação de correr riscos até ao limite do razoável e com a aceitação de pesadíssimos sacrifícios, só imagináveis em tropas que lutam por um fortíssimo ideal. A campanha de 1860, em que, inicialmente com cerca de mil soldados, desembarca na extremidade ocidental da Sicília, em 11 de maio, e, de vitória em vitória, passa ao continente e entra

---

(1) «Se tutto deve rimanere com'è, è necessario che tutto cambi».



GIUSEPPE GARIBALDI nasceu em Nice, em 1807, numa família ligada à atividade marítima. Impulsionado pelas suas ideias políticas e sociais avançadas e imbuído de um fervoroso patriotismo, desde cedo se envolve na política, ligando-se ao movimento a favor de uma Itália unida. Comprometido em conspirações, acaba exilado na América do Sul onde conhece Ana Maria Ribeiro da Silva, Anita Garibaldi, que se torna sua companheira de armas e de vida. No Brasil e no Uruguai, no mar e em terra, combate ao lado de movimentos de inspiração republicana e liberal, ganhando uma excepcional experiência de liderança e militar. No regresso a Itália, em 1848, somando êxitos decisivos, empenha-se diretamente, sempre com tropas de voluntários, nas guerras que conduzem à unificação italiana. Morre em 1882 na ilha de Caprera, onde reviu as suas memórias autobiográficas.

A excepcional vida de Garibaldi e os seus feitos foram de tal monta que ganhou não só uma enorme admiração dos seus compatriotas, como também o seu nome retumbou por muitas partes do mundo. As presentes memórias autobiográficas, escritas na primeira pessoa, são uma oportunidade única de ler o relato de uma vida, rara, plena de aventuras caracterizadas por uma coragem sobre-humana, dedicada a uma luta sem tréguas em nome da liberdade e que fizeram do seu autor uma das figuras chave do ressurgimento e unificação italiana.

“ (...) A sequência de campanhas em que Garibaldi se envolveu colocam-no, tanto nos resultados como na extensão temporal, ao nível dos grandes chefes militares de todos os tempos, sendo, no mais reduzido plano do idealismo e da pura aventura dos tempos modernos, absolutamente incomparável.

*David Martelo*  
In introdução

“ Tive uma vida tempestuosa, composta de bem e mal, como creio que seja a da maior parte das pessoas. Tenho a consciência de sempre ter procurado o bem, para mim e para os meus semelhantes. E, se algumas vezes algum mal lhes fiz, de certeza que o fiz involuntariamente. Odiei a tirania e a mentira, na convicção profunda de serem elas as principais origens dos males e da corrupção do género humano...

*Giuseppe Garibaldi*

## Líderes e Povos

A vida daqueles que se destacaram no contexto histórico do seu tempo, que conquistaram a imortalidade e moldaram o mundo onde vivemos. Na guerra e na paz, os seus sucessos e infortúnios, as suas visões e ideais.

O nascimento, a evolução, o apogeu e o crepúsculo dos povos, estados e nações que compõem a humanidade.

Com rigor e qualidade, esta coleção oferece ao leitor valiosos instrumentos de compreensão, interpretação e reflexão acerca da diversidade cultural do ser humano através do acesso à grande herança do passado.

